

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL: AS LÍNGUAS AMERÍNDIAS

Fábio Bonfim Duarte¹
Poslin/PG-UFMG

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar um panorama geral sobre a diversidade linguística existente no Brasil e na América do Sul. Conforme Krauss (1992), 90% das línguas do mundo podem desaparecer até o final do século XXI, fato que justifica ações práticas no intuito de se conduzirem trabalhos científicos que ajudem a evitar o desaparecimento dessas línguas. Legère (2015)², por sua vez, considera que existam no mundo cerca de 6500 línguas, sendo que dois terços dessas línguas podem ser extintas até o final deste século. Já em relação à América do Sul, especialistas estimam que haja cerca de 500 línguas autóctones no continente. Dentre estas, estima-se que haja cerca de 420 línguas ameríndias em sério risco de desaparecimento seja devido à pressão que sofrem das línguas majoritárias seja pelo simples fato de o número de falantes nativos ser muito reduzido.

Este texto está organizado em cinco seções, a saber: na seção 2, apresento considerações sobre a diversidade de línguas que existem na América do Sul e no Brasil; na seção 3, centro atenção, em particular, nas características dos dois principais agrupamentos da América do Sul: os troncos Tupí e Macro-Jê; na seção 4, apresento a distribuição das línguas

¹Professor Associado II da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – Nível 2. E-mail para contato: fbonfim@terra.com.br. Página na internet: www.lettras.ufmg.br/fbonfim. Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento, intitulada *Descrição, Documentação e Revitalização de Línguas Indígenas Brasileiras*, o qual integra um projeto maior, apoiado pelo CNPq (Processo 302674/2009-8). Parte da produção alcançada por este projeto pode ser acessada no portal www.lettras.ufmg.br/portal_lali.

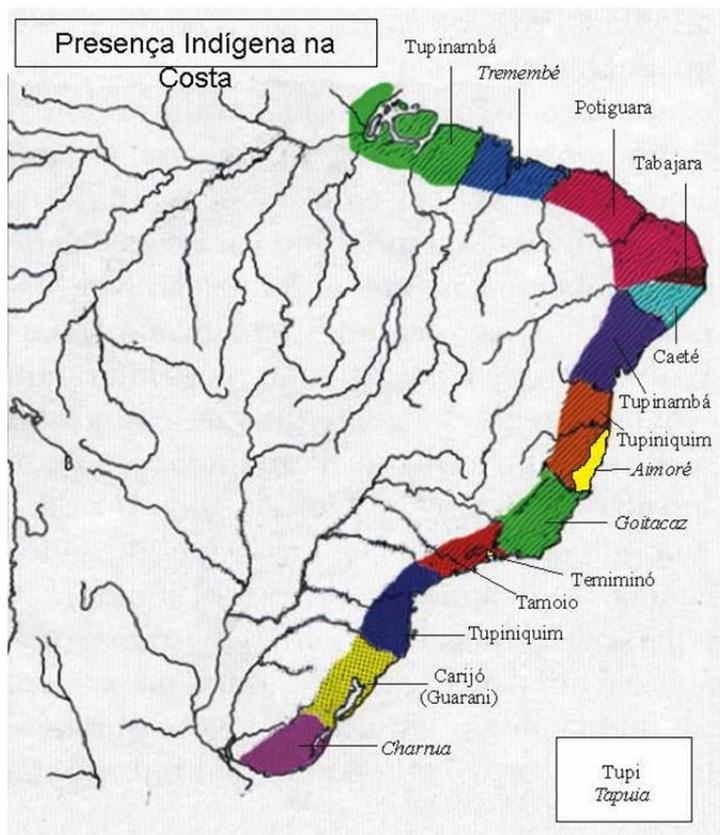
² Legère assume que:

‘approximately 6500 languages are currently spoken word-wide. It can be assumed that about two-thirds of these languages will become extinct in the 21st century. All languages are intimately interlinked with the culture of their speakers, and all languages and cultures represent specific expressions of human thought and social organization. Therefore, with every language which becomes extinct priceless intellectual values will be lost forever.’

da família Aruák; na seção 5, discuto o conceito de línguas isoladas e de povo isolado. Na seção 6, concluo o artigo.

2. A PERDA DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

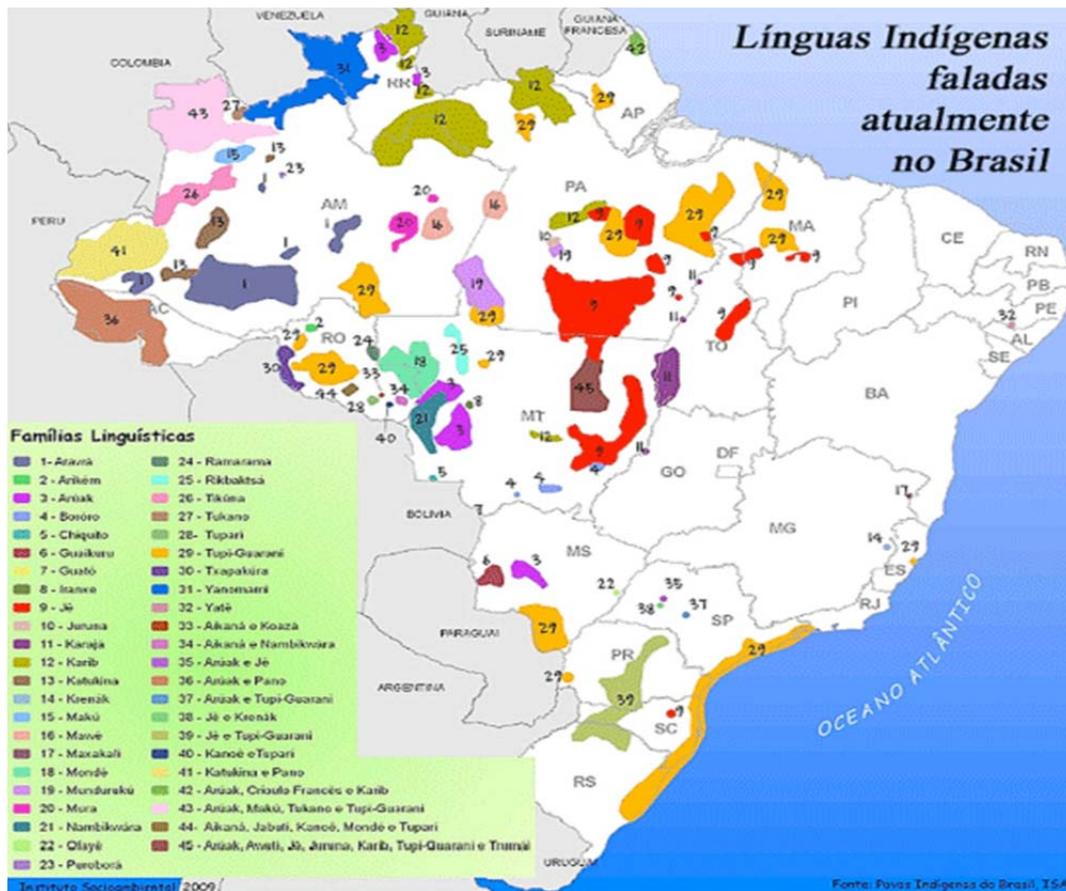
Conforme Rodrigues (2013), ‘embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue, pois são aprendidas como línguas maternas cerca de 180 línguas indígenas’. Supõe-se que a população indígena em 1500, quando da chegada dos portugueses ao continente, era de cerca de uns três a cinco milhões, de sorte que, em várias partes do Brasil, as populações indígenas eram muito mais densas, quando se comparam com os dados estatísticos atuais. Sabe-se, por exemplo, que, nas várzeas dos grandes rios amazônicos assim como no litoral, viviam diversos grupos étnicos, tais como os índios Tapajós e os índios Kambeba, os quais foram totalmente extintos. A mesma situação se observa em relação aos índios Tupinambás que habitavam a faixa litorânea do território brasileiro. Dados etnográficos disponíveis apontam que os aldeamentos tupinambás compunham-se de uma população bastante elevada para a época e que se estendiam desde onde hoje situa o estado do Pará até o Rio de Janeiro. A exceção, todavia, era a divisa entre o Ceará e o Maranhão, a região da foz do rio Paraíba, a região limítrofe entre o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo, tendo em conta que, nessas regiões, predominavam grupos étnicos pertencentes ao Tronco Macro-Jê, conforme mostra o mapa da presença dos vários subgrupos Tupinambás que se distribuía pela costa do Brasil.



Informações, retiradas a partir de estudos advindos da arqueologia e da antropologia, permitem-nos afirmar com certa segurança que, na costa do Brasil, vivia uma população que era homogênea em termos linguísticos e culturais. Sendo assim, quando os portugueses aportaram o território brasileiro, sabe-se que a população tupinambá ocupava toda a costa brasileira, de norte a sul, e com aldeias espalhadas ao longo dos grandes rios que cortavam as florestas tropicais e subtropicais do interior. Estima-se que na faixa litorânea a população de índios Tupinambá totalizava a quantia de cerca de 1 milhão de pessoas, cifra esta que equivalia ao montante de nove habitantes por quilômetro quadrado (9hab/km²).³ Já a região do Brasil Central abrigava povos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, cujos aldeamentos possuíam em média mais de mil habitantes, percentual este que difere drasticamente do que se observa no momento atual, tendo em conta que é raro encontrarmos densidade que ultrapasse mais de uma centena de pessoas por aldeia. Em suma, conclui-se que a antiga densidade demográfica que havia no território brasileiro se diluiu na medida em

³ Ver mais detalhes a este respeito em Fausto (2005:68-73).

que as frentes de expansão, promovidas pelo homem branco, torna-se mais frequente e permanente de leste a oeste do Brasil. Tal situação explica a razão por que os povos originários, que habitavam as regiões nordeste, sudeste e sul praticamente se reduzem a apenas alguns grupos étnicos, tais como os Xacriabá, os Fulniô, os Pataxós, os Maxacali, os Krenak, os Kaingang, os Xokleng, os Tupiniquim, os Guarani Mbyá, os remanescentes dos Tupinambá, dentre outros, os quais vêm travando luta constante para manter sua cultura, sua língua e seu território original até os dias atuais. Desapareceram também quase todos os povos que viviam ao longo da calha do rio Amazonas e na região que compreende a ilha do Marajó. Estes dados explicam o porquê que as regiões do Brasil, que vêm sendo exploradas há mais tempo, possuem menor número de sociedades indígenas e, conseqüentemente, um reduzido percentual de línguas nativas. O leitor atento pode então notar que a maior parte das terras indígenas brasileiras está localizada principalmente nas regiões do planalto central, do centro-oeste e, principalmente, da região Amazônica, de modo que boa parte dos povos originários, que viviam à leste do território brasileiro, desapareceram, restando assim muito poucas terras indígenas nessa região, conforme fica evidente pela distribuição desigual e descontínua das terras indígenas no mapa ilustrativo a seguir:



Consoante Rodrigues (2013), pode se afirmar com certa segurança que 75% das línguas indígenas desapareceram desde 1500, de modo que a ‘redução drástica de cerca de 1000 línguas em 500 anos (a uma média de duas línguas por ano) não se deu apenas durante o período colonial, mas manteve-se durante o período imperial e tem-se mantido no período republicano’. Ademais, estudos recentes apontam que o Brasil corre sério risco de perder, no prazo de 15 anos, um terço de suas línguas nativas em razão de muitas contarem não muito mais que uma dezena de falantes. Segundo estimativas, devem ser extintas até 2030, entre 45 a 60 idiomas ameríndios, situação que sinaliza para a importância de que as universidades e centros de investigações brasileiros incentivem ações concretas e permanentes para promover a documentação, a descrição, a revitalização e a reconstrução da história filogenética das línguas indígenas sobreviventes, pois esta é uma tarefa de caráter urgente urgentíssimo. Muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor

entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de comunicar-se ficará perdido para sempre com cada língua indígena que deixa de ser falada⁴. Rodrigues (1993a, 1993b, 2013) calcula que a população indígena perfaz atualmente cerca de 190.000 pessoas, sendo que, deste total, aproximadamente 160.000 indígenas falam as 180 línguas indígenas. Em suma, as 180 línguas indígenas constitui apenas 15% das mais de mil línguas que se estimam terem existido no Brasil em 1500. Curiosamente, todas as línguas ameríndias com número de falantes superior a 100.000 pessoas estão localizadas fora do território brasileiro. O Quechua é, por exemplo, uma destas línguas, pois é falado por cerca de doze milhões de pessoas espalhados pelo Equador, Peru, Bolívia e partes da Argentina. Já o Guaraní é a língua nativa de dez milhões de pessoas no Paraguai, em regiões do nordeste da Argentina e sul e sudeste do Brasil. A terceira língua indígena mais falada na América Latina corresponde ao conjunto dialetal maia, o qual constitui a língua nativa de populações originárias da Guatemala e do México. Já o Aimara é falado por cerca de 3 milhões de pessoas distribuídas pelo centro-oeste da Bolívia, pelo norte do Chile e pelo sul do Peru. Por fim, o Náhuatl é a língua falada por aproximadamente dois milhões de pessoas no sudeste do México, enquanto o Mapudungun é a língua nativa de cerca de duzentas mil pessoas no centro-sul do Chile. A apresentação do mapa ilustrativo abaixo tem por objetivo fornecer ao leitor a distribuição populacional dessas línguas nos países da América Latina, mencionados acima.

⁴ Legere (2015) assume que: ‘all languages are intimately interlinked with the culture of their speakers, and all languages and cultures represent specific expressions of human thought and social organization. (...) Therefore, with every language which becomes extinct, priceless intellectual values will be lost forever.’



Contudo a situação demográfica é bastante distinta quando focalizamos as línguas ameríndias faladas no Brasil. Embora o Brasil possua o maior número de línguas entre os países da região, percebe-se que este é o país com o maior número de línguas ameaçadas de extinção. Tal fato se traduz, por exemplo, pelo fato de não haver no Brasil nenhuma língua nativa com número de falantes superior a cinquenta mil falantes. Conforme dados de Rodrigues (2013:6-11), as línguas com o maior número de falantes são o Ticuna (30.000); o Kaingang (28.000); o Macuxi (23.500); o Terena (20.000); o Guajajara (19.500) e o Yanomámi (15.700), conforme mostra o quadro a seguir.

Línguas com número de falantes entre 15.000 a 30.000				
Nome da língua e do povo	Família Linguística	Tronco Linguístico	UF	Número estimado de falantes
Ticuna	Ticuna	-	AM	30.000
Kaingang	Kaingang	Macro-Jê	PR, RS, SC, SP	28.000
Macuxi	Karíb	-	RR	23.500
Terena	Aruák	-	MS	20.000
Guajajara (Tenetehára)	Tupí-Guaraní	Tupí	MA	19.500
Yanomámi	Yanomámi	-	RR	15.700 (?)

Do lado oposto, línguas com número muito reduzido de falantes e com alto risco de extinção estão, por exemplo, o Aurê-Aurá com apenas 2 falantes; o Jumá com 4 falantes; o Akuntsú com 6, o avá-canoeiro com 16 falantes, o Bará com 20, o Krenak com cerca de 200 (10?) e, por fim, o Maxacalí com aproximadamente 1300 falantes, conforme se vê pelo quadro arrolado a seguir⁵.

Línguas com número muito reduzido de falantes				
Nome da língua e do povo	Família Linguística	Tronco Linguístico	UF	Número estimado de falantes
Aurê-Aurá	Tupí-Guaraní	Tupí	MA	2
Jumá	Tupí-Guaraní	Tupí	AM	4
Akuntsú	Tuparí	Tupí	RO	6
Avá-Canoeiro	Tupí-Guaraní	Tupí	GO, TO	16
Bará	Tucano	-	AM	20
Krenak (Botocudo)	Krenak	Macro-Jê	MG	200 (10?)
Maxacalí	Maxcali	Macro-Jê	MG	1300

Chama nossa atenção em particular o caso de dois falantes (ver fotos abaixo) de uma língua desconhecida que ganhou destaque em fins dos anos 80. Trata-se da língua Aurê-Aurá, cuja população original ficou reduzida a apenas dois falantes, conforme ilustra o quadro abaixo.

Lingua Aurê-aurá	
População:	2
Falantes:	2
Estado:	Maranhão

⁵ Remeto ao leitor ao quadro que segue anexo a este artigo, em que se listam todas as 180 línguas existentes no Brasil, ordenada pelo tronco e família linguísticas.



Aurá (frente) e Aure, os dois últimos falantes da língua que batizam (Norval Oliveira/arquivo pessoal)



Aure posa para foto; história do povo ainda é desconhecida (Norval Oliveira/arquivo pessoal)

Aurê e Aurá são os últimos falantes de uma língua, afiliada à família linguística Tupi-Guarani. Sabe-se que, à época em que foram encontrados, estavam com aproximadamente 45 anos e se mantinham resistente ao contato com outras pessoas, pois mantinham conversação essencialmente entre si. Conforme relatos de sertanistas e de linguistas, ambos foram localizados em uma rodovia próxima à cidade de Marabá, no estado do Pará, ao final dos anos 80. Posteriormente foram trazidos para aldeias de índios Guajá no estado do Maranhão, onde residem até hoje. Todos os outros indivíduos pertencentes ao grupo foram mortos por outros índios, os quais Aurê e Aurá descrevem como sendo de grande estatura, com orelhas furadas e

cabelos longos. Quando os dois índios foram contatados pela primeira vez, carregavam cicatrizes nas costas, fato que sinalizava que estavam perambulando pelas florestas da região, fugindo das perseguições dos quais eram alvos.

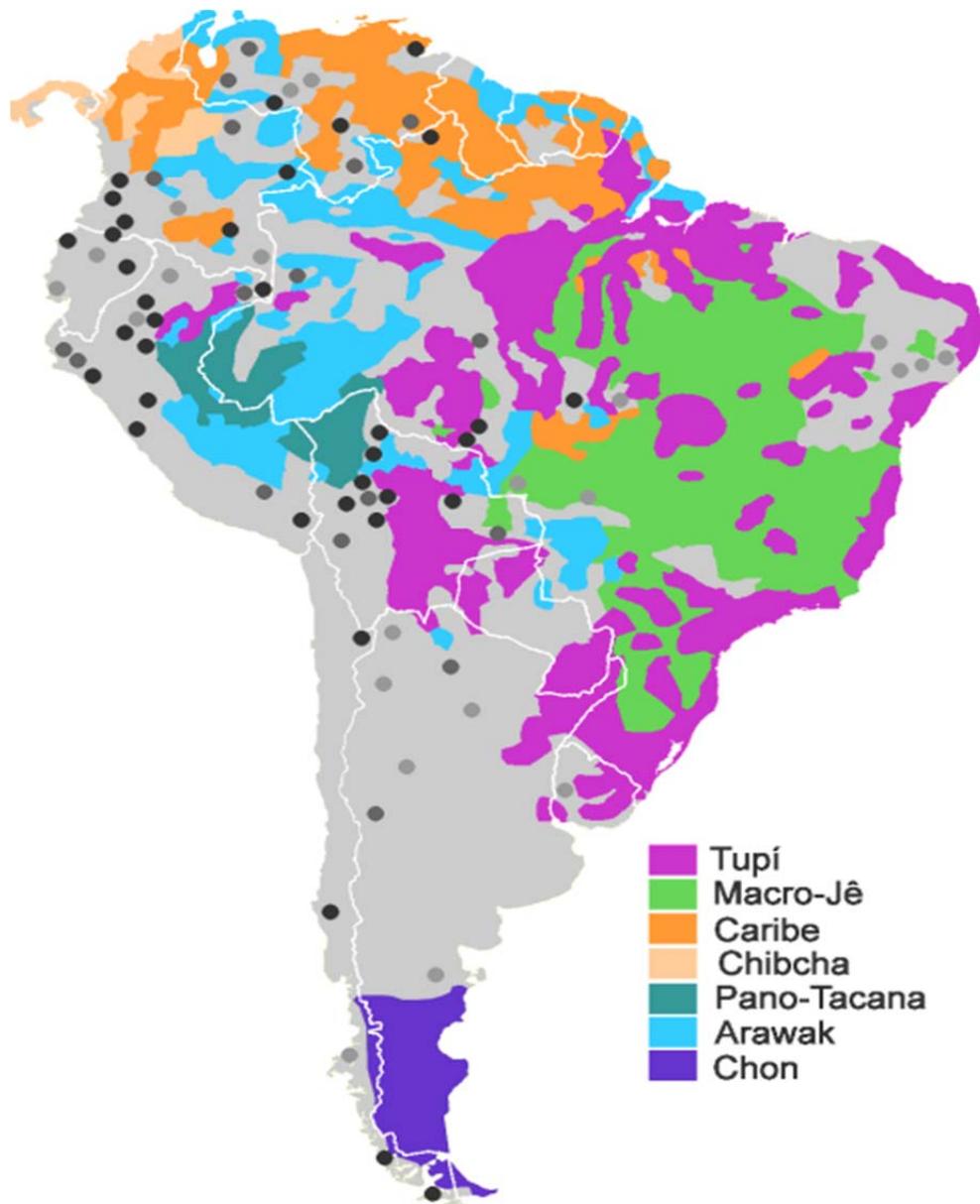
3. TRONCOS E FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS

Apesar da perda linguística que ocorreu desde a chegada dos europeus no Brasil, observa-se, no entanto, que ainda há grande diversidade linguística no Brasil em relação a vários aspectos gramaticais. Tal constatação se traduz, por exemplo, pelo fato de haver estruturas gramaticais muito diversas do ponto de vista da tipologia linguística, pois há línguas, cuja ordenação dos argumentos nucleares na sintaxe pode apresentar o verbo na posição inicial, ordem VSO, como é a situação da língua Tenetehára e do Terena; na posição final, ordem SOV, muito comum em várias línguas da América, como é a situação nas línguas Maxacali, o Kaxinawá, o Tupinambá e o Guarani; em posição medial, ordem OVS, como na língua Hixkaryána (língua da família Karíb); o verbo após o sujeito, ordem SVO, como nas línguas Mapudungun, Yawalapití, Baré, Baniwa do Icana. Há ainda tanto línguas ergativas como línguas nominativas, assim como línguas com sistema de caso cindido, as quais misturam os dois sistemas de marcação de Caso dos argumentos nucleares. Observam-se ainda línguas com flexão tanto à esquerda quanto à direita do núcleo.

Já em relação à história filogenética, pode-se afirmar que há cerca de 40 famílias linguísticas. Consoante Rodrigues (2013:6), ‘dez destas constam hoje de uma só língua, a qual, por ser única e não apresentar parentesco com as demais conhecidas, é também chamada de língua isolada.’⁶ Estudos advindos da linguística comparativa têm postulado que há na América do sul, pelo menos, sete grandes agrupamentos importantes, os quais correspondem

⁶ Consoante Rodrigues (2013), “as línguas são classificadas em famílias segundo critérios genéticos. Situam-se numa mesma família línguas para as quais há evidência científica de que derivam, por evolução ao longo do tempo, de uma mesma língua no passado mais ou menos remoto, mantendo determinado nível de afinidade em sua gramática e em seu léxico. (...) Há famílias que, por sua vez, revelam afinidade genética em nível mais remoto e constituem uma unidade mais ampla, a que chamamos *troncos linguísticos*.”

aos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê e de cinco famílias linguísticas principais, tais como as famílias Caribe, Chibcha, Pano-Tacana, Arawak, e Chon, conforme mostra o mapa linguístico a seguir:

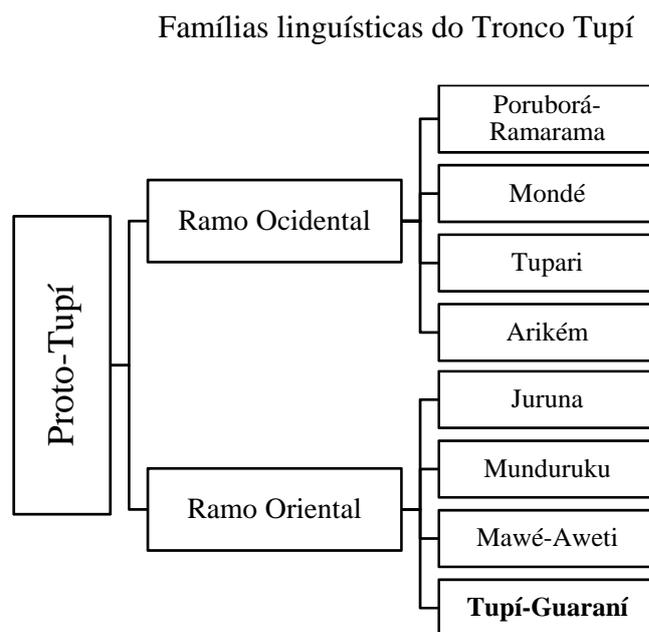


Já internamente ao Brasil, os estudos comparativos propõem a existência de aproximadamente 42 famílias linguísticas genéticas. A hipótese é a de que dez dessas famílias compõem o tronco Tupí, enquanto entre doze a quinze famílias constituem o tronco Macro-Jê. Como estes são os agrupamentos mais bem documentados na literatura linguística, reservo as

próximas seções para um detalhamento de suas propriedades. Começamos, então, com as características principais do Tronco Tupí.

3.1. O TRONCO TUPI

O Tronco Tupí tem grande importância pelo fato de ser um dos maiores agrupamentos linguísticos da América do Sul. Conforme estudos comparativos desenvolvidos por Rodrigues (1985, 2013), o tronco Tupí possui dez famílias linguísticas, a saber: Arikém, Awetí, Jurúna, Mawé, Mondé, Puruborá, Mundurukú, Ramaráma, Tuparí, e Tupí-Guarani. O quadro abaixo, formulado a partir de uma adaptação da proposta de Rodrigues (1985, 1986) e Dietrich (2010), mostra que essas línguas podem ser subdivididas em dois ramos: as do ramo ocidental e as do ramo oriental⁷.

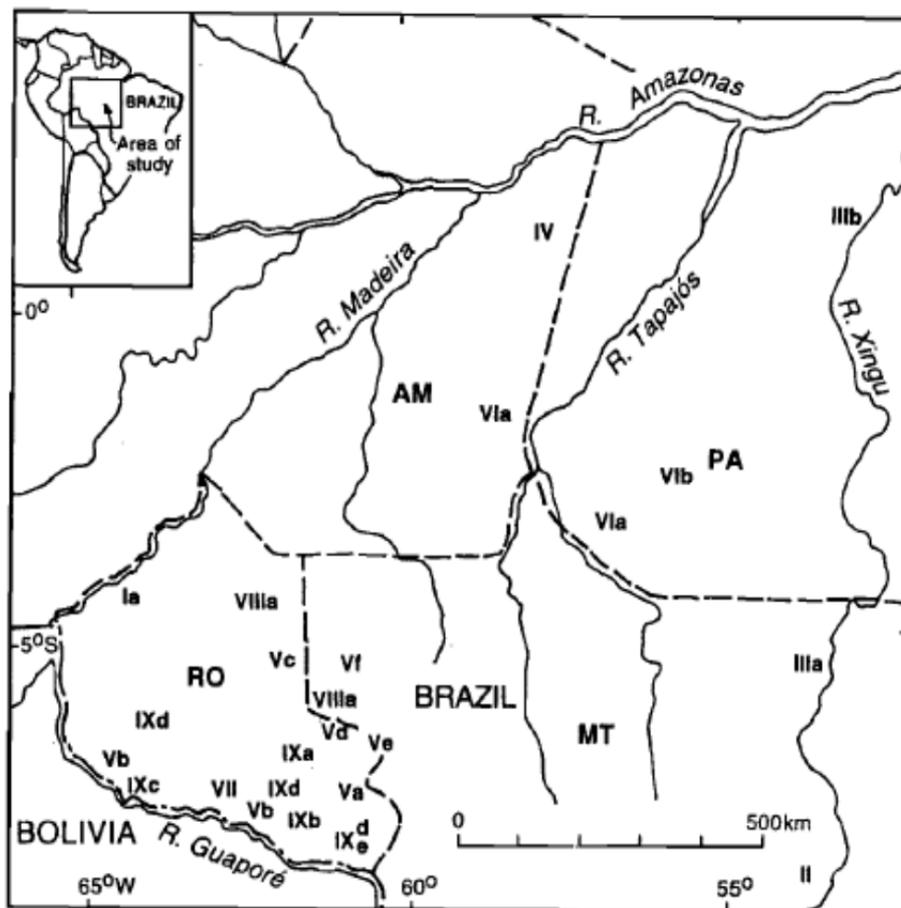


Em virtude de cinco das dez famílias acima possuírem representantes na região das cabeceiras dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, torna o estado de Rondônia candidato a ser o ponto original dos povos Tupí. O mapa abaixo, retirado de Rodrigues (1999), ilustra a distribuição dessas famílias pela região dos rios Guaporé, Madeira, Tapajós e Xingu. Não está

⁷ Ver mais detalhes a este respeito em Castro (2007) e Camargos (2013).

incluso nesta relação a família linguística Tupí-Guaraní, a qual será foco de estudo na próxima subseção. Notem que o fato de as famílias Arikém, Mondé, Puruborá, Tuparí e Ramaráma possuírem línguas faladas nos limites geográficos do estado de Rondônia, contribui para dar sustentação a hipóteses comparativas, segundo as quais esta região seria o local em que o proto-Tupí, a língua ancestral dos povos Tupi, se desenvolveu em tempos remotos.

Localização das línguas Tupí



A numeração de I a X, no mapa acima, tem o objetivo de indicar a localização das dez famílias linguísticas que compõe o Tronco Tupí. A indicação, a que cada numeração se refere, é mostrada a seguir.

I: Família Arikém

VI: Família Mundurukú

II: Família Awetí

VII: Família Puruborá

III. Família Juruná

VIII: Família Ramaráma

IV. Família Mawé

IX: Família Tuparí

V. Família Mondé

X: Família Tupí-Guaraní

Observa-se que muitas línguas pertencentes a essas famílias são faladas por número muito reduzido de falantes. Esta é a situação, por exemplo, da língua Puroborá, pertencente à família Puroborá, que é apenas lembrada como segunda apenas por alguns falantes. Outra língua fortemente ameaçada é o Xipaya, da família Juruna, que é falada por duas pessoas em aldeia que se situa na região do baixo Xingu (ver número IIIb acima). Em conformidade com Rodrigues, enquanto a família Tupí-Guaraní vem sendo documentada desde o século XVI, trabalhos de documentação sobre as línguas das outras famílias se deram somente a partir do século XVIII. Examinamos na próxima subseção aspectos internos à família Tupí-Guaraní.

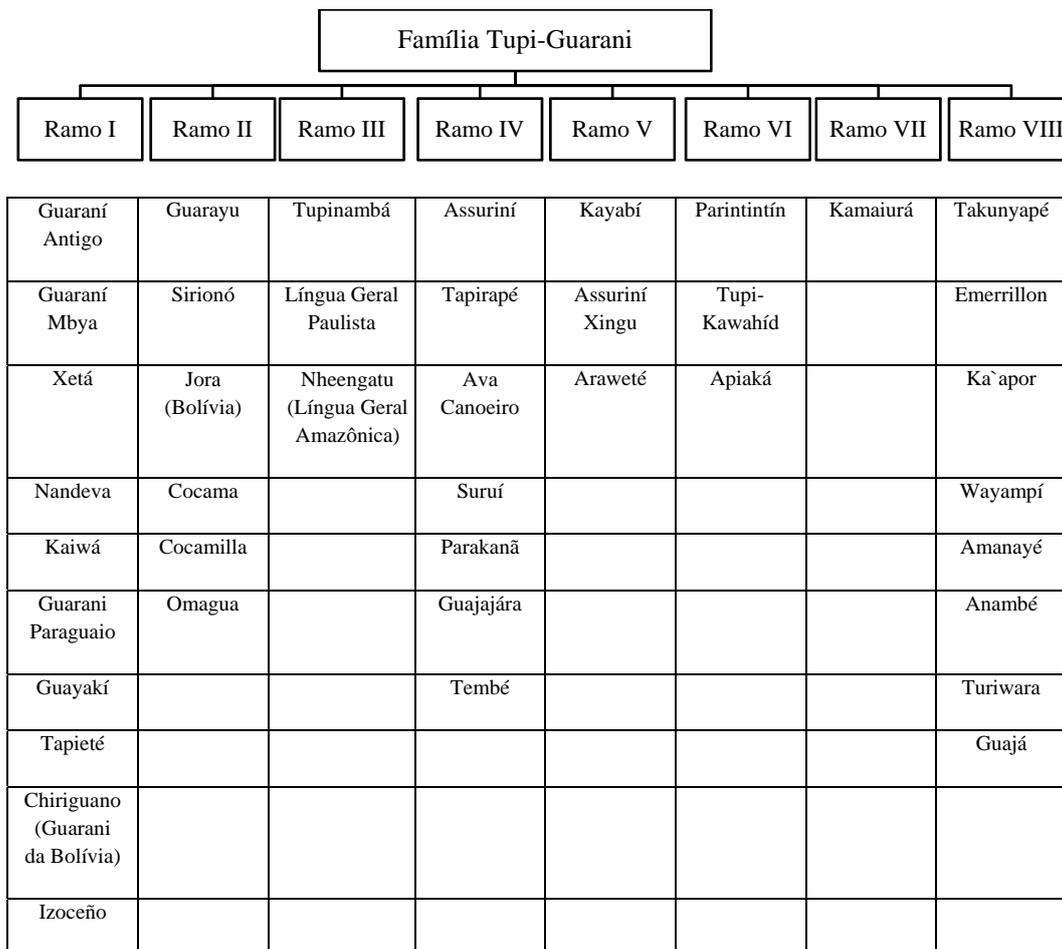
3.1.1. A FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

Diferentemente das outras famílias linguísticas que constituem o Tronco Tupí, as línguas da família Tupí-Guaraní encontram-se bastante distribuídas pela América do Sul, possuindo línguas situadas desde a Guiana até a Argentina, por um lado, e da Bolívia ao litoral do Brasil, por outro, conforme mostra o mapa a seguir:



Em consonância com Rodrigues (1984-1985), as línguas Tupí-Guaraní se subdividem em, pelo menos, oito subgrupos. Esta subclassificação toma como referência propriedades essencialmente fonológicas e morfossintáticas que essas línguas compartilham entre si. Ao todo, propõem-se oito ramificações, conforme se vê pelo quadro a seguir:

SUBGRUPOS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

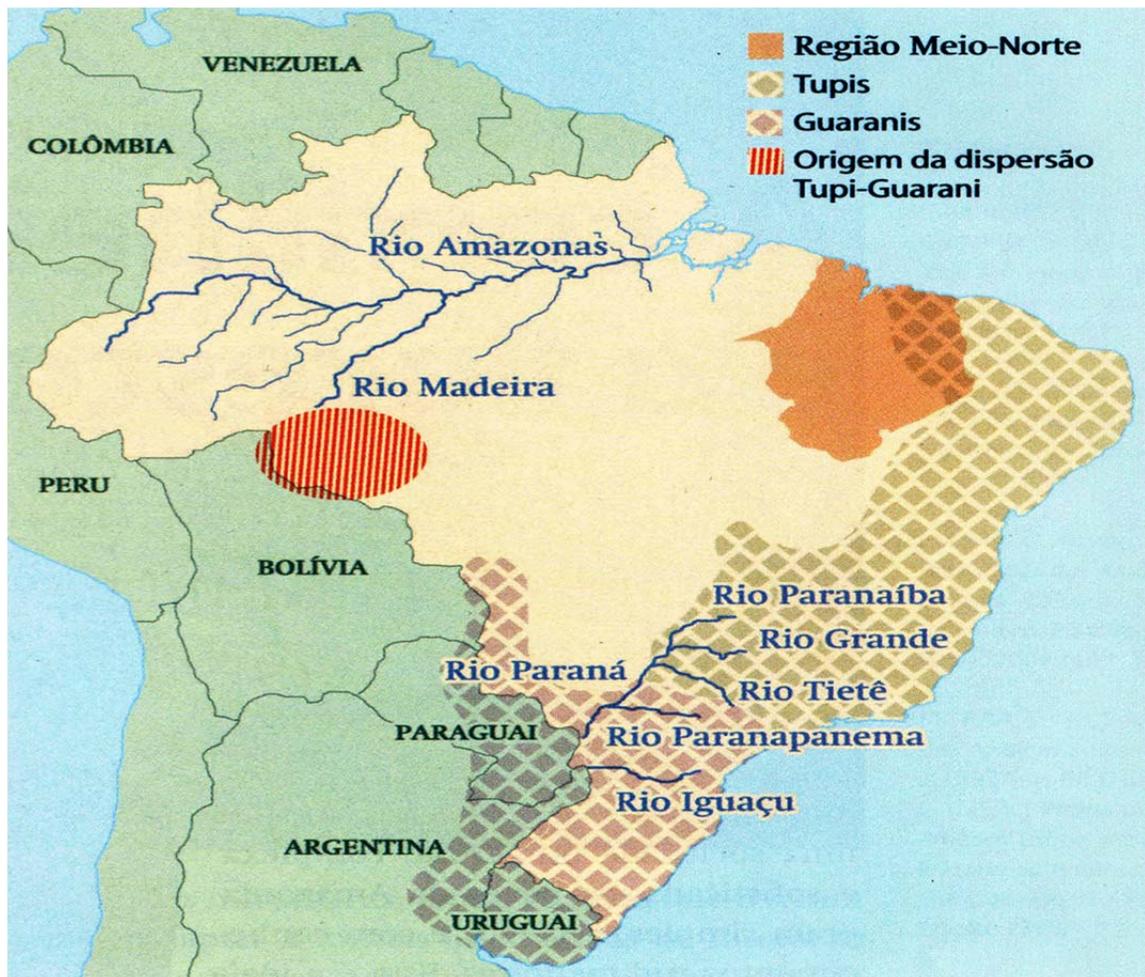


Fonte: adaptado de Rodrigues (1985, 1986) e Dietrich (2010)

Consoante Kneip e Melo (2013:21-23), há, pelos menos, três hipóteses sobre o percurso migratório dos povos Tupí-Guaraní. A primeira hipótese, considerada a mais tradicional entre antropólogos, arqueólogos e linguistas, propõe que o ponto de dispersão dos guaranis e tupinambás corresponde ao que é hoje o estado de Rondônia. Em certo momento na história desses povos, inicia-se um fluxo migratório, inicialmente para o sul, em direção às bacias dos rios Paraguai e do Prata, e, em seguida à leste, rumo à costa do Brasil. Já os tupí-guaraní amazônicos migram para o leste até o meio-norte brasileiro, fato que explica a razão por que suas aldeias estão espalhadas pela região onde hoje estão os estados do Pará e Maranhão e a região do Xingu. A segunda hipótese propõe uma rota um pouco distinta, visto que estipula que a migração no sentido sul não se deu simultaneamente, mas sim em dois

momentos separados. Em primeiro instante, parte dos protoguaranis desce até Bolívia, enquanto outros grupos guaranis se dirigem mais a sul, passando pelo rio Paraguai e continuando até a bacia dos rios Paraná e Uruguai. Haveria ainda uma terceira leva de protoguaranis que seguiriam para leste, por meio do curso dos rios Paranapanema e Uruguai, até atingirem o litoral. Já os prototupinambás efetuam um fluxo migratório um pouco diferente, pois, embora, também passem pelo rio Paraguai, optam por um percurso um pouco mais ao norte. Rumam, então, pelos rios Grande e Tietê, alcançando onde hoje estão os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Por fim, a última hipótese sustenta que o ponto de dispersão da família tupi-guarani não seria exatamente o estado de Rondônia, mas sim a região que compreende a confluência entre rios Madeira e Amazonas. Assume-se, assim, que, a partir desse local, uma subdivisão interna produz duas vias de expansão. Um primeiro grupo, descendentes dos tupinambás, alcança a foz do rio Amazonas e, em seguida, descem pelo litoral de norte a sul, até atingirem a costa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Já os guaranis sobem pelo rio Madeira, possivelmente descendo os rios Guaporé e Paraguai, até alcançarem o litoral sul do Brasil. O mapa abaixo, retirado de Kneip e Mello (2013:23), ilustra a abrangência geográfica das rotas dos protoguaranis e prototupinambás, conforme as três hipóteses delineadas acima.



3.2. O TRONCO MACRO-JÊ

Conforme Rodrigues (1999), citado por Campos, o termo Macro-Jê foi proposto inicialmente por Mason (1950: 287). Este termo cobria uma quantidade de línguas que estavam correlacionadas com a família linguística Jê. Conforme Almeida (2004), este lexema foi cunhado por Martius (1867) e sua adoção teve como objetivo eliminar os termos ‘Tapuya’ e ‘Tapuya-Jê’, que eram utilizados por autores em momentos anteriores. Já a partícula Jê [ʒe], que dá nome a uma das principais famílias linguísticas do Tronco Macro-Jê, surge de um morfema que é empregado para indicar a noção de coletivo/plural. Conforme Campos (2009), trata-se de um morfema que é bastante recorrente em línguas da família Jê. Como não há consenso na literatura sobre o número exato de línguas que constituem o tronco Macro-Jê, há certa divergência entre os linguistas sobre quantas famílias existem de fato nesse tronco. Em

geral, estipula-se a existência de doze a dezesseis famílias. Acompanhando o essencial da proposta de Campos (2009), considerarei, doravante, a existência de 15 famílias pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, conforme descrito no quadro a seguir:

Famílias		Línguas
1	Jê	†Jeikó Jê setentrional: Panará, Suyá, Kayapó, Timbira (Parkatêjê, Pykobjê, etc), Apinajé; Jê central: Xavante, Xerente, †Acroá-Mirim, †Xacriabá; Jê austral: Kaingáng, Xoklém, †Ingaín.
2	Kamakã	†Kamakã, †Mongóyó, †Menién, †Kotoxó, †Massakarã.
3	Maxakalí	†Pataxó, †Kapoxó, †Monoxó, †Makoní, †Malalí, Maxakalí.
4	Krenak	Krenak (Botocudo, Borúm).
5	Purí (Coroado)	†Coroado, †Purí, Koropó.
6	Ofayé	Ofayé.
7	Rikbaktsá	Rikbaktsá.
8	Boróro	Boróro, †Umutína, †Otúke.
9	Karajá	Karajá (incluídos quatro dialetos: Karajá austral, Karajá setentrional, Javaé e Xambioá).
10	Karirí	Karirí, †Kipeá, Dzubukuá, †Pedra Branca, †Sabuyá (incluído por Greenberg, mas não por Ribeiro e Kaufman).
11	Jabutí	Djeoromitxí (Jabuti), Arikapú.
12	Yatê	Yatê.
13	Guató	Guató.
14	Chiquitano	Chiquitano (Besiro).
15	Otí	†Otí (Eo-Xavánte) (A inclusão do Otí, proposta somente por Greenberg, não é substantiada pelos dados disponíveis).

O tronco Macro-Jê possui famílias distribuídas desde o sul do Maranhão até o Rio Grande do Sul. Dentre elas, a família Jê é a maior. As línguas que a compõem estão localizadas nas regiões do cerrado do Brasil, em particular ao sul do estado do Pará e do

Na próxima seção, investiga-se a distribuição geográfica das línguas que pertencem à família linguística Aruák.

4. FAMÍLIA ARUÁK

Quando Cristóvão Colombo chegou às Antilhas, havia uma intensa população de origem aruák, conhecida como Taino. Este povo foi dizimado em poucas décadas, devido a epidemias e a maus tratos. Conforme Fausto (2005:36-37), ‘em 1492, este povo dominava as Antilhas, com exceção de Cuba e das ilhas próximas à costa da Guiana. Ao chegarem a Hispaniola (hoje Haiti e República Dominicana) e Porto Rico, os europeus encontraram aldeias permanentes, habitadas por 1 a 2 mil pessoas, formadas por 20 a 50 casas dispostas em torno de uma praça central’. Atualmente, boa parte das línguas Aruák corre sério risco de extinção, seja devido à pressão que o espanhol e o português exercem sobre os falantes dessas línguas seja em razão ao reduzido número de falantes. Essas línguas estão distribuídas por boa parte da América Latina, a saber: Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua. O mapa ilustrativo abaixo fornece um detalhamento da distribuição geográfica das línguas pertencentes a esta família na América do Sul.



Em conformidade com Aikhenvald (1999), podemos afirmar que a família Aruák possui aproximadamente 40 línguas vivas. Dentre estas, 16⁸ são faladas no território brasileiro, conforme a relação abaixo:

APURINÃ, BANÍWA DO IÇANA, BARÉ, KÁMPA, KURIPÁKO, MAXINÉRI, MEHINÁKU, PALIKÚR, PARESÍ, SALUMÃ, TARIÁNA, TERENA, WAPIXANA, WAREKÉNA, WAURÁ, YAWALAPITI

Tomando por referência, a tipologia proposta por Aikhenvald (1999), as línguas aruák são facilmente reconhecíveis por serem aglutinantes. Por esta razão, o verbo é uma categoria central, pois em geral apresenta morfologia flexional para indicar diversas categorias

⁸ Remeto o leitor ao apêndice, que está ao final deste artigo, em que se acessa a localização de cada uma dessas línguas no território brasileiro.

gramaticais, tais como número, pessoa, tempo, aspecto, negação, relativização, evidencialidade, causativização, modalidade, dentre outras. Por exemplo, é bastante comum encontrarmos, nas línguas desta família, a presença do prefixo pronominal {nu-} ou {ta-}, para referir-se à primeira pessoa do singular; o morfema {pi-} para indicar a segunda pessoa singular; o prefixo {ka-} para codificar que a oração é relativa; e o prefixo {ma-}, que figura em orações negativas. Apresento, a seguir, a listagem completa das línguas que constituem a família linguística Aruák, tal como proposto por Aikhenvald (1999).

ARUÁK DO SUL E SUDOESTE:

(1) Aruák do sul

Terena; Kinikinau †; Guane/Layana †; Chane/Izoceno †; Baure; Moxo, ou Ignaciano; Moxo: Trinitario; Paiconeca †; Pauna †; Apolista †; Saluma

(2) Pareci-Xingu

Xingu

Waura; Mehinaku; Yawalapiti !; Kustenu †

Pareci-Saraveca

Pareci !; Saraveca †

(3) Aruák do sudoeste

Piro-Apuriná

Piro; Chontaquiuro; Apurina/Ipurina, Cangiti; Inapari †; Mashko-Piro

(4) Campa

Ashaninca; Asheninca; Caquinte !; Machiguenga; Nomatsiguenga; Pajonal Campa

(5) Amuesha

Amuesha

(6) Chamicuro

Chamicuro †

ARUÁK DO NORTE:

(7) Rio Branco

Wapishana; Mawayana/Mapidian/Mawakwa !

(8) Palikur

Palikur; Marawan †; Aruan/Aroa †

(9) Caribenho, ou Extremo Norte

Island Carib (Ineri) †; Garifuna (Black Carib, Cariff)

Subgrupo do Caribenho

Lokono/Aruák; Guajiro/Wayyu; Anun/Parauhano; Taino †; Caquetio†; Shebayo †

(10) Norte-Amazônico

Colombiano

Resigaró †; Yucuna ! (Guaru†); Achagua !; Piapoco; Cabiari !; Maipure †

Alto Rio Negro

Baniwa do Içana/Kurripaco; Tariana !; Guarequena !;

Orinoco

Bare !; Baniwa de Guainia !; Yavitero † (Baniwa do Yavita); Mandawak †; Yabaana †

Médio Rio Negro

Kaixana !; Manao †; Bahwana/Chiriana !

Além das famílias linguísticas discutidas acima, há ainda várias outras, que, por falta de espaço e de tempo, não nos será possível detalhar com mais vagar no miolo deste artigo. Todavia, remeto o leitor ao anexo que acompanha este artigo em que elencamos as 40 famílias linguísticas existentes no Brasil em ordem alfabética, assim como cada uma das línguas que a compõem.

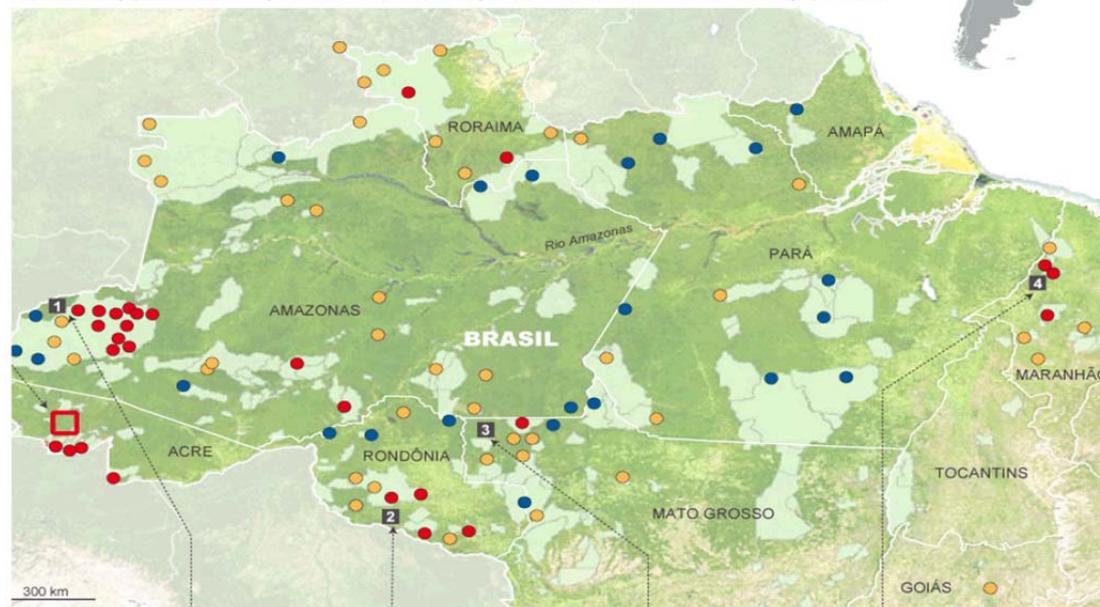
5. POVOS INDÍGENAS ISOLADOS

A denominação "povos indígenas isolados" se refere especificamente a grupos indígenas que preferem manter-se sem relações permanentes com a sociedade não indígena. Contudo, não são isolados no sentido estrito do termo, pois possivelmente estabelecem relações interétnicas com outros povos nativos com os quais partilham espaço territorial. A opção de isolamento desses povos é uma tentativa de se protegerem dos efeitos nefastos que o contato com o mundo externo pode provocar para a suas sociedades. Dentre os efeitos negativos, está a possibilidade de surgimento de infecções, doenças, epidemias, perda de território, fatores esses que ameaçam diretamente a suas vidas, o seus direitos e a sua continuidade histórica enquanto grupos culturalmente autônomos e diferenciados. Por esta razão, é necessário que a Funai e o governo brasileiro desenvolvam ações de proteção às suas terras, à sua cultura e à sua língua. É importante salientar que os termos 'povos isolados' e 'língua isolada' possuem semânticas distintas. Embora um povo possa ser isolado, sua língua pode não sê-la, já que esta pode estar geneticamente relacionada a uma das 40 famílias linguísticas existentes atualmente no Brasil. Por sua vez, uma língua pode ser classificada como sendo isolada e o povo que a fala não ser isolado, como, por exemplo, é a situação da língua Ticuna. Em suma, considera-se que uma língua é isolada, se esta não possui parentesco filogenético com nenhuma outra língua na América do Sul, ao passo que, quando um povo é isolado, não significa necessariamente que a sua língua seja isolada. Em síntese, um povo isolado pode falar uma língua isolada ou não. O mapa abaixo mostra as regiões na Amazônia brasileira em que se têm notícias da existência de povos isolados.

ONDE FOI O CONTATO ATUAL

Terra indígena Kampa e Isolados do Rio Envira (Acre):

Sete índios se aproximou da aldeia da etnia ashaninka, a última antes da fronteira com o Peru, se dizendo ameaçada. O grupo contraiu gripe no contato e, agora, a Funai espera que cheguem entre 26 e 60 índios mais do mesmo grupo isolado.



INCIPAS AMEAÇAS S ISOLADOS

1 Vale do Javari (Amazonas)
Tem a maior população de índios isolados confirmados (11 grupos) em uma área que sofre com a presença de malária, hepatite e a invasão de garimpeiros.

2 Terra indígena Massaco (Rondônia).
Primeira a ser demarcada sem contato, em 1998; apesar de protegida, o grupo está crescendo e o território está ficando pequeno, o que pode ocasionar o contato com outros grupos vizinhos.

3 Terra indígena Kawahiva do Rio Pardo (Mato Grosso): invasão de madeireiros e grilagem de terra.

4 Terra indígena Arariboia (Maranhão)
invasão territorial de madeireiros; território já está completamente degradado.

Chama nossa atenção especial à região numerada com (1), a qual corresponde ao Vale do rio Javari. Conforme dados recentes divulgados pela FUNAI, esta é a região com maior concentração de povos isolados no Brasil. São confirmados até o momento 11 grupos. Todos os índios isolados do Vale do Javari estão vulneráveis aos efeitos da malária e as suas terras estão sujeitas à invasão de madeireiros e garimpeiros. Pela proximidade com o estado do Acre, é provável que parte das línguas que são faladas por esses grupos pertença à família linguística Pano, informação que será confirmada nos próximos anos. A foto aérea abaixo resultou de sobrevoo, realizado por funcionários da Funai, no intuito de ter um conhecimento mais amplo da situação do território dos isolados do vale do javari, de modo a permitir um monitoramento futuro da área.



Outra área de destaque se refere à terra indígena Araribóia, delimitada pelo número (4) no mapa acima. Esta região vem enfrentando constantes invasões por parte de madeireiros e fazendeiros, o que provoca o aumento do tamanho da área já degradada. Recentemente esta reserva sofreu fortemente com incêndios florestais criminosos, provocados por madeireiros, que dizimou parte do território. Curiosamente, é justamente nesta Terra que se encontra um dos povos isolados mais ameaçados do planeta. Trata-se dos índios Guajá que falam uma língua pertencente à família Tupí-Guaraní, Tronco Tupí. A foto abaixo mostra uma mulher Guajá carregando seu filho ao colo e alimentando um porco doméstico.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, espero que tenha conseguido transmitir uma visão panorâmica sobre a diversidade linguística existente na América do Sul e no Brasil. Como se vê, são urgentes ações que promovam o trabalho de descrição e documentação das línguas indígenas faladas no Brasil, pois muitas estão seriamente ameaçadas de desaparecer. A expectativa é a de que este texto contribua para despertar o interesse de professores e alunos para o trabalho científico com as línguas minoritárias. Por fim, convido os leitores a visitarem o portal www.lettras.ufmg.br/portal_laliafro, em que se encontra parte da produção alcançada por mim e minha equipe nas últimas décadas, sobre a gramática de línguas indígenas brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIRA, Marco Antônio Bomfoco. Ergatividade em Kaingang: um estudo descritivo funcional. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Alegre: PUCRS, 2004
- AIKHENVALD, Alexandra. The Aruák language family. In: DIXON, R. M. W; AIKHENVALD, A. Y. AIKHENVALD (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press, 1999. pp. 65-105.
- CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí, 2009. P. 328, Tese de doutorado inédito.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estruturas bieventivas em Tenetehára (Família Tupí-Guaraní): Evidência da realização dos núcleos Cause e Voice. In.: **Anais do XVI Congresso Internacional de ALFAL**, Alcalá de Henares, Madrid, 2011.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estruturas causativas em Tenetehára: uma análise minimalista, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CASTRO, Ricardo Campos. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- DRIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. In.: DRIETRICH, W; NOLL, V. **O português e o tupi do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DUARTE, F. B. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007a.
- DUARTE, F. B. **Ordem dos constituintes e movimento em Tembé**: minimalismo e anti-simetria. 2003. 192p. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- DUARTE, F. B. *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras/LIV, UnB, Brasília, 1997, 95f.
- FAUSTO, Carlos. 2000. *Os Índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 93 pp.
- MARTIUS, Karl Friedrich Phillipp von. Beiträge zur Ethnographie und prachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, I. Zur Ethnographie, II. Zur Sprachenkunde . Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.
- MASON, J. A. The languages of South American Indians. In: STEWARD, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*, vol. 6. Washington, DC: Smithsonian Institution. 157–317, 1950
- MELLO, A. A. S. ; KNEIP, A. Babel indígena. *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 8, p. 21-23, 2013.
- KRAUSS,, m. The World's Languages in Crisis. *Language*, n.68, p. 4-10, 1992.

LEGÉRE, Karsten. *Language Endangerment and Documentation in the East African Context*, lecture given at the 46th Annual Conference on African Linguistics (ACAL), Eugene, Oregon, University of Oregon, 2015.

LOPES, M. A. G. **Aspectos gramaticais da língua Ka'apor**. 2009. 287f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

NEUBANER NASCIMENTO, Gardenia B. *Aspectos da gramática Terena*. 2009. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1984. “Contribuições das línguas brasileiras para a fonética e a fonologia”. *Language in the Americas* (org. por D. F. Solá) 263-267. Ithaca: Cornell University.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística tupi-guarani. **Revista de Antropologia**, v. 27/28, p. 33-53, 1985.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1993a. “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”. *D.E.L.T.A.* 9(1):83-103. São Paulo.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1993b. “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”. *Ciência Hoje* 95:20-26. Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, RMW; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Org.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupí. In: DIXON, RMW; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Org.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

RODRIGUES, A. D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. In: **Ciência e Cultura**, v.57, n.2, São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Linguística comparativa e pré-história dos povos indígenas sul-americanos: a hipótese Tupí-Karib e Macro-Jê. In: CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; MELLO, Heliana. *Conferências do V congresso internacional da associação brasileira de linguística*. Faculdade de Letras: Belo Horizonte, 2007

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras** [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 2013. 17p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá**: língua do Tupí-Guaraní do Alto Xingu. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SEKI, L. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Stative Language. In: PAYNE, D. L. (ed.). **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press, 1990.

APÊNDICE 1

LÍNGUAS ORDENADAS POR FAMÍLIA LINGUÍSTICA (ADAPTADO DE RODRIGUES (2013)).

	Nome da língua e do povo (e variantes do nome)	Família linguística	Tronco linguístico	UF	Número estimado de falantes
1.	Apolíma-Arára	?		AC	280
2.	Kaixána	?		AM	500
3.	Aikanã (Aikaná, Tubarão)	Aikanã		RO	160
4.	Banawá (Banawá-Yafí)	Arawá		AM	100
5.	Dení	Arawá		AM	875
6.	Jamamadi (Kanamantí)	Arawá		AM	890
7.	Jarawára	Arawá		AM	180
8.	Kulína (Madihá)	Arawá		AC, AM	2550
9.	Paumarí	Arawá		AM	900
10.	Zuruahá (Suruahá)	Arawá		AM	150
11.	Karitiána	Arikém	<i>Tupí</i>	RO	320
12.	Apurinã (Ipurinã)	Aruák		AC, AM	3250
13.	Baniwa do Içana	Aruák		AM	5000
14.	Kámpa (Axaninka, Ashininka)	Aruák		AC, AM	970
15.	Kurináka	Aruák		AM	1100
18.	Palikúr	Aruák		AP	1330
19.	Paresí (Pareci, Halití)	Aruák		MT	1400
20.	Salumã (Enawenê-nawê)	Aruák		MT	450
21.	Tariána (Tariáno)	Aruák		AM	2540 (55)
22.	Teréna	Aruák		MS	20000
23.	Wapixána	Aruák		RR	6850
24.	Warekéna (Werekéna)	Aruák		AM	800
25.	Waurá	Aruák		MT	400
26.	Yawalapití	Aruák		MT	220?
27.	Awetí	Awetí	<i>Tupí</i>	MT	160
28.	Miránha	Bóra		AM	850
34.	Mynky (Menki)	Irántxe		MT	90
35.	Máku	<i>isolada</i>		RR	1?
36.	Arikapú	Jabutí		RO	30
37.	Jabutí (Jeoromitxi)	Jabutí		RO	170
38.	Apaniekrá (Canela, Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA	500
39.	Apinajé (Apinayé)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	TO	1525
40.	Kaingáng (Caingangue)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	PR, RS, SC, SP	28000
41.	Kayapó (Mebengokré)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT, PA	6000
42.	Krahô (Craô)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	TO	2200
43.	Krikatí (Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA	700
44.	Panará (Kayapó del Sur, Kren-akarôre)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT, PA	300
45.	Ramkokamekrá (Canela, Timbira)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA	1770
46.	Suyá (Kisédje)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT	350
47.	Tapayúna	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MT	60
48.	Timbira (Canela, Gavião)	Jê	<i>Macro-Jê</i>	MA, PA	3500

49.	Xakriabá (Xikriabá)	Jê	Macro-Jê	MG	7700 (?)
50.	Xavánte (A'wén)	Jê	Macro-Jê	MT	12900
51.	Xerénte (Akwén)	Jê	Macro-Jê	TO	2570
52.	Xikrín	Jê	Macro-Jê	PA	1350
53.	Xokléng (Xokrén)	Jê	Macro-Jê	SC	900
54.	Jurúna (Yudjá)	Jurúna	Tupí	MT	360
55.	Xipáya	Jurúna	Tupí	PA	600 (2)
56.	Kanoê	Kanoê		RO	95 (6)
57.	Javaé	Karajá	Macro-Jê	TO	1200
58.	Karajá (Carajá)	Karajá	Macro-Jê	MT, TO, PA	2500
59.	Xambioá	Karajá	Macro-Jê	TO	270
60.	Aparaí (Apalaí)	Karíb		PA	320
61.	Arara do Xingu (Ukarangmã)	Karíb		PA	270
62.	Bakairí (Kúra)	Karíb		MT	950
63.	Galibí do Oiapoque (Kariña)	Karíb		AP	70
64.	Galibí do Uaçá (G. Marworno)	Karíb		AP	2200
65.	Hixkaryána (Hixkariána)	Karíb		PA, RR	630
66.	Ikpéng (Txikão)	Karíb		MT	350
67.	Ingarikó	Karíb		RR	900
68.	Kalapálo	Karíb		MT	500
69.	Katuéna	Karíb		PA	140
70.	Kaxuyána (Katxuyána)	Karíb		PA	230
71.	Kuikúru	Karíb		MT	500
72.	Makuxí	Karíb		RR	23500
73.	Matipú	Karíb		MT	110
74.	Nahukwá	Karíb		MT	125
75.	Patamóna (Kapóng)	Karíb		RR	90
76.	Taulipáng (Pemong)	Karíb		RR	580
77.	Tiriyó (Tirió, Trio)	Karíb		PA	1150
78.	Waimirí (Waimirí-Atroarí)	Karíb		AM	1120
79.	Waiwái	Karíb		AM, RR	2800
80.	Wayána	Karíb		PA	300
81.	Yekuána (Mayongóng)	Karíb		RR	450
82.	Kanamari	Katukína		AM	1700
83.	Katawixí	Katukína		AM	?
84.	Katukína	Katukína		AM	340
85.	Txunhuã-djapá (Tsohom-dj.)	Katukína		AM	100
86.	Krenák (Botocudo)	Krenák	Macro-Jê	MG	200 (10?)
87.	Kwazá (Kwayá, Coaiá)	Kwazá		RO	30
88.	Dâw (Kamã)	Makú		AM	95
89.	Húpda	Makú		AM	1400?
90.	Nadêb	Makú		AM	300?
91.	Yuhúp	Makú		AM	400?
92.	Mawé (Sateré-Mawé)	Mawé	Tupí	AM	8400
93.	Maxakalí	Maxakalí	Macro-Jê	MG	1300
94.	Kokáma (Omágua, Cambeba)	mista		AM	9500 (5?)
95.	Arara do Beiradão (A. de Aripuanã)	Mondé	Tupí	MT	57 (5)
96.	Aruá	Mondé	Tupí	RO	60
97.	Cinta-larga	Mondé	Tupí	MT, RO	1500
98.	Gavião (Ikõro, Digüt)	Mondé	Tupí	RO	460
99.	Mondé	Mondé	Tupí	RO	?
100.	Paitér (Suruí de Rondonia)	Mondé	Tupí	RO	1000

101.	Zoró	Mondé	<i>Tupí</i>	MT, RO	470
102.	Kuruáya	Mundurukú	<i>Tupí</i>	PA	130 (4)
103.	Mundurukú	Mundurukú	<i>Tupí</i>	PA	10000
104.	Múra	Múra		AM	9300 (?)
105.	Pirahã (Múra-Pirahã)	Múra		AM	390
106.	Lakondê	Nambikwára		RO	1
107.	Latundê	Nambikwára		RO	20
108.	Mamaindê	Nambikwára		MT	100
109.	Mandúka	Nambikwára		MT	?
110.	Mundúka	Nambikwára		MT	50
111.	Nagarotú	Nambikwára		MT	90
112.	Nambikwára del Pequizal	Nambikwára		MT	50
113.	Nambikwára del Sur	Nambikwára		MT	700
114.	Nambikwára del Valle del Guaporé	Nambikwára		MT	450
115.	Nambikwára Kithaulú, Sawantesú y otros	Nambikwára		MT	300
116.	Sabanê	Nambikwára		RO	15
117.	Sararé	Nambikwára		MT	100
118.	Tawandê	Nambikwára		MT	40
119.	Ofayé (Opaié, Ofayé-Xavánte)	Ofayé	<i>Macro-Jê</i>	MS	60
120.	Marúbo	Páno		AM	1300
121.	Amawáka	Páno		AM	220?
122.	Katukína-Páno	Páno		AC, AM	400
123.	Kaxararí	Páno		AM, RO	320
124.	Kaxinawá, Caxinauá	Páno		AC	4500
125.	Korúbo	Páno		AM	250
126.	Kulíno (Kulína)	Páno		AM	125
127.	Matis	Páno		AM	300
128.	Matsés (Mayorúna)	Páno		AM	1600
129.	Nukiní	Páno		AC	600
130.	Poyanáwa	Páno		AC	400
131.	Xawanáwa (Arara)	Páno		AC	330
132.	Yamináwa (Jaminaua)	Páno		AC	850
133.	Yawanáwa ((Yawanawá)	Páno		AC	500
134.	Kontanáwa	Páno?		AC	250
135.	Puruborá	Puruborá	<i>Tupí</i>	RO	62 (2?)
136.	Káro (Arara)	Ramaráma	<i>Tupí</i>	RO	184
137.	Rikbáktsa (Rikbák, Canoeiro)	Rikbáktsa	<i>Macro-Jê</i>	MT	1120
138.	Karipúna do Amapá	Românica	<i>Indo-europeu</i>	AP	2235
139.	Chamacoco	Samuko		MS	40
140.	Tikúna (Tukúna)	Tikúna		AM	30000
141.	Trumái	Trumái		MT	150
142.	Arapáso (Arapaço)	Tukáno		AM	560
143.	Bará	Tukáno		AM	20
144.	Barasána	Tukáno		AM	35
145.	Desána (Desáno)	Tukáno		AM	2200
146.	Karapanã	Tukáno		AM	65
147.	Kubéwa (Kubéo)	Tukáno		AM	380
148.	Makúna (Yebamasã)	Tukáno		AM	35
149.	Mirití-tapúya	Tukáno		AM	75
150.	Pirá-tapúya (Waikana)	Tukáno		AM	1430

151.	Siriána (Siriáno)	Tukáno		AM	70
152.	Tukáno (Tukána, Yepámasã)	Tukáno		AM	6250
153.	Tuyúka	Tukáno		AM	830
154.	Wanáno (Wanána)	Tukáno		AM	750
155.	Akuntsú	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO	6
156.	Makuráp	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO	380
157.	Mekém (Sakirabiat)	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO	85
158.	Tuparí	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO	430
159.	Wayoró (Ajurú)	Tuparí	<i>Tupí</i>	RO	100
160.	Amanayé (Amanajé)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	190
161.	Amondáwa	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO	90
162.	Anambé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	180
163.	Apiaká (Apiacá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT	190 (2)
164.	Araweté	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	340
165.	Asuriní de Tocantins (Akuáwa)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	380
166.	Asuriní de Xingu (Awaeté)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	125
167.	Aurê-Aurá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA	2
168.	Avá-Canoeiro	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	GO, TO	16
169.	Diahói (Diarroi, Jiahúí)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM	90
170.	Guajá (Awá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA	280
171.	Guajajara (Tenetehára)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA	19500
172.	Júma	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM	4
173.	Ka'apór (Urubu)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MA	1000
174.	Kaiwá (Kayowá)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MS	?
175.	Kamayurá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT	500
176.	Karipúna	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO	14
177.	Kayabí (Caiabi, Kaiabí)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT	1620
178.	Nhandéva	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MS, PR, SP	?
179.	Parakanã (Apteréwa)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	900
180.	Parintintín	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM	290
181.	Suruí de Tocantins (Aikewára)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	185?
182.	Tapirapé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	MT	570
183.	Tembé	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA, MA	1430
184.	Tenharim	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AM	700
185.	Uru-eu-wau-wáu	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	RO	100
186.	Wayampí (Oyampi)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	AP	750
187.	Xetá	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PR	60 (1)
188.	Zoé (Jo'é)	Tupí-Guaraní	<i>Tupí</i>	PA	180
189.	Kujubim (Kuyubí)	Txapakúra		RO	55
190.	Orowín (Oro Win)	Txapakúra		RO	60
191.	Torá	Txapakúra		AM	300
192.	Urupá	Txapakúra		RO	150?
193.	Warí (Pakaanóva)	Txapakúra		RO	2700
194.	Ninám	Yanomámi		RR	466?
195.	Sanumá	Yanomámi		RR	462?
196.	Yanomám	Yanomámi		RR	?
197.	Yanomámi	Yanomámi		RR	15700?
198.	Yatê (Carnijó, Fulniô)	Yatê	<i>Macro-Jê</i>	PE	3700
199.	Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	(Falada pelos Baré, Baniwa e outros povos no NW do Amazonas)		AM	15000
	(Arara v. Káro)				
	Ajuru (v. Wayoró)				